



5
ANOS

JORNAL RELEVO – PARANÁ – SETEMBRO DE 2015 – EDIÇÃO I – ANO VI

PARANÁ – ABRIL DE 2015 – EDIÇÃO XI – ANO V

<i>Benedito Costa Neto</i>	Surazo	05		
<i>Emily Dickinson (Trad. Danilo Augusto)</i>	761	10	07	Dezembro <i>Julia Raiz</i>
<i>Tereza Du'Zai</i>	Sarcófago	12	11	Arabesco. <i>Gustavo Jugend</i>
<i>Gustavo Dalaqua</i>	Democracia, literatura e liberdade	14	13	Fagulhas poéticas <i>Jediel Gonçalves</i>
<i>Mauri König</i>	Interlúdio	18	16	Tutorial para ganhar um concurso literário
<i>André Volpato</i>	A Hora da Sesta	20	19	Série "Sanga" <i>Pedro Carrano</i>
<i>Andrei Ribas de Jesus</i>	Toda maldita santa escrita	23	22	Para não morrer de amor <i>Adriana Aleixo</i>
<i>Munique Duarte</i>	Limoeiro	25	24	<i>Alvaro Borba</i>
<i>Celso Alves</i>	Sem sal	27	26	Falsa Varsóvia <i>Ricardo Pozzo</i>
<i>Daniel Zanella</i>	Cenas Urbanas	29	28	Puxadora de palmas <i>Fabio Ramos</i>
<i>Daniel Osiecki</i>	Terra Incógnita	31	30	Cinerário <i>Ademir Demarchi</i>
			32	Ostraniene, a road poem <i>Rodrigo Garcia Lopes</i>

Expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Daniele Conti **Ombudsman** Osny Tavares, Whisner Fraga, Lourenço Pinto e Carla Dias **Projeto Gráfico** Marcell Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 5 de agosto de 2015.

Ilustrações

As fotos dessa edição são do Tiago Jonas – tiago.jonas@gmail.com

Contato

@ jornalrelevo@gmail.com

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

Editorial

Eis que chegamos na primeira edição do Ano 6 do **RelevO**. Foram 75 edições, número que muda a cada contagem, afinal, somos do meio literário, não bons contabilistas – nosso serviço de prestação de contas está aí, todo mês, comprovando isso.

Começamos essa nova etapa do periódico mais lindo de todo o globo terrestre, principalmente quando se trata de periódicos chamados **RelevO**, buscando rever alguns processos internos, filtrar melhor nosso conteúdo e ampliar nosso rigor estético. Conseguiremos tudo isso? Provavelmente, em partes, como sempre foi. Sobretudo, iremos estudar formatos de melhorar a leitura e a apreciação de nossas páginas, experienciar, como dizem os novos.

Para fechar o nosso ciclo de cinco anos, as bodas de madeira, lançamos a antologia do **RelevO**, com os nossos 63 melhores textos, não desconsiderando toda a subjetividade desse sistema de escolha – aliás, quem quiser adquirir um exemplar, é só entrar em contato conosco, ficaremos bem felizes.

Esperamos atingir mais cinco anos.

Obrigado a toda a equipe que leva esse jornal nas costas, sem reclamar de lombalgia. Uma boa leitura a todos.



eis A Capa.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE AGOSTO DE 2015

Anunciantes

R\$ 30 – Nova Mania. **R\$ 50** – Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Torto Bar; Arte & Letra (total R\$ 350). **R\$ 100** – Editora Penalux. **R\$ 120** – Escola da Escrita.

Assinantes

R\$ 50 – Priscila Lira; Jeverson Nascimento; Marco Aurélio de Souza; Sieglinda Zanella; Osny Tavares; Diego Zerwes; Sandra Andréia; Alberto Bresciani; Milla Miranda; Gabriel Bicho; Rodolfo Viana (total R\$ 550). **R\$ 100** – Isabel Ribas; Celso Martini (total R\$ 200).

Despesas

Assinaturas **R\$ 220** / Distribuição **R\$ 80** / Impressão **R\$ 1.090**

Receita **R\$ 1.350**

Custo total **R\$1.390**

Balanço **R\$ -40**

Cartas do Leitor

STARS

Melhor jornal do universo! Mitou, divou, lacrou.
Lina Pistachiw

Bela edição.
Marcelo De Angelis

Sinto-me, de certa forma, relevante ao voltar às páginas do **RelevO**, que optou por revelar o que se esconde por trás do relevo literário curitibano. Parabéns pela edição, pessoal!
Renato Vieira Ostrowski

Que show!
Rosa Pena

TO BE OR NOT TO BE
Por que o **RelevO** é sempre em P&B?
Arthur Santos

Da Redação: Arthur, certa vez, quando éramos menores, um druida nos orientou a não imprimir jornal colorido por conta de estranhos fenômenos gráficos-satanistas – repare que nenhum impresso em P&B decreta falência no Brasil. Somos muito ligados nessas questões místicas.

CENSURA NAS PLATAFORMA TUDO
Tem que ver issuu aí.
Cristiano Castilho

(.)(.)
Felipe Gollnick

COMO FAIZ?
Oi, **RelevO**! Gosto muito dos textos e das ilustrações. Como funciona a seleção dos artistas para cada edição? Eu trabalho com colagens manuais.
Luca Fischer

*Da diagramadora: Muito obrigada! Basta enviar o material para o nosso email. Não temos **budget** pra esse **job**, mas a visibilidade a longo prazo é enorme. E também amamos colagens manuais porque somos Millenials super analógicos.*

Errata

Na edição de agosto, complicamos o role de três autores. Ubirathan Do Brasil saiu sem o Do. Nuno Rau sai como Nuno Rao. Para completar o percurso da vergonha, no poema Apocalíptico, de Carina Castro, não colocamos o ? ao final do texto, o que o modifica drasticamente. Iremos republicá-lo em breve. Em tempo: erros exclusivos do editor, embora o revisor possa ser culpado por sua existência.

Ombudsman

RelevO 5 Anos – The Best of Ombudsman

Critérios de seleção: nenhum.

Osny Tavares – Março de 2014

É um tempo interessante para ser jovem. Tudo parece aberto à refundação e cada pequeno setor da vida abriga um comitê repleto de delegados a discutir até as cláusulas pétreas da vida. O que era automático, uma imposição da cultura sobre a qual não se refletia, torna-se um ato político. De mastigar um bife a torcer pela seleção brasileira na Copa, o indivíduo é desafiado pelos significados sociais de seus atos. O que é ótimo, pois parece um caminho necessário à lucidez.

Penso que a literatura, e principalmente do tipo que fazemos aqui, tenha um papel importante em estabelecer um conhecimento mútuo entre os atores. Por dois motivos: primeiro, o imediatismo do periódico mensal dedicado ao texto curto permite uma reflexão quente, mas já com certo arrefecimento de ânimos. Por vezes, a contagem de dez segundos é insuficiente para recuperar a ponderação. Em um mês, entretanto, é possível contar até 2,6 milhões.

Não defendo, claro, que o jornal se torne refém de uma pauta de acontecimentos imediatos e se preocupe em caricaturar o real em pseudoliteratura. Mas é inegável que os fenômenos que presenciamos atualmente representarão parte significativa de nossa identidade de época.

Lourenço Pinto – Julho de 2014

Não há literatura sem leitores, assim como não há idolatria a David Luiz sem sérios problemas gerais de interpretação. Os textos, enfim, também melhoraram muito, sustentados por uma base maior de colaboradores, interessados e curiosos. O que começou como mezzo belo projeto, mezzo belíssimo pretexto para o editor enviar e receber poesia de belas mulheres, já se transformou em mezzo belo projeto, mezzo belíssimo pretexto para o editor enviar e receber poesia de belas mulheres, porém com maior qualidade no texto e, suponho, das mulheres (carece de fonte).

Whisner Fraga – Dezembro de 2014

A questão que se levanta e que deve ter assustado todos os resenhistas de jornais literários é: até que ponto o crítico pode escrever o que bem entende de uma obra? Até que ponto o escritor pode se melindrar com uma resenha negativa? Bom, responder estas perguntas, quando ficam no âmbito pessoal, é fácil. Cada

um faz o que quer quando o assunto se restringe a questões de frivolidade. O complicado fica para quando o autor decide levar a questão à justiça.

O escritor pode processar um resenhista que escreveu uma crítica depreciativa, mesmo que feita com argumentos razoáveis, dentro de parâmetros e pressupostos praticamente científicos? A resposta é sim. Existe advogado é para isso mesmo. E o juiz, como se portaria diante de uma demanda desse naipe? Como não tenho conhecimento de caso semelhante que tenha sido julgado em qualquer instância, não posso defender nenhum tipo de questionamento, a não ser que me causa muito estranhamento que um ficcionista ou poeta se posicione desta maneira.

Como, todavia, se trata de um caso fictício e como o jornal **RelevO** jamais passou por situação semelhante, venho publicamente me desculpar por esse texto completamente desconexo e inútil e pedir a todos os leitores e contribuintes deste conceituado periódico, que não deixem a literatura nunca chegar a este nível e que rechacem com veemência qualquer tentativa de ridicularizar uma arte que já deu ao mundo presentes como “Grande Sertão: veredas” e “Dom Casmurro”.

Carla Dias – Junho de 2015

Compartilhar discos, filmes e livros com os amigos, não somente por meio de indicação ou empréstimo, mas também os presenteando com esses itens, faz parte da minha realidade desde que comecei a trabalhar.

Sim, faz tempo.

Independente do meio ou da linguagem, compartilhar gosto pode ser ação catedrática. Durante o processo, aprendemos que o que nos agrada pode ou não agradar ao outro. Ainda assim, é um processo que nos oferece a chance de conhecermos algo novo, como doador ou receptor do conhecimento.

A cada edição do **RelevO**, conheço alguém novo capaz de me fascinar, o que sempre é um prazer. Dessa forma, tenho dialogado com universos díspares e interessantes. É pessoal a tarefa de passar adiante aquilo que verdadeiramente nos toca e julgamos merecedor de um amigo conhecer. Em uma época em que falar mal é praticamente rotina, passar um gosto adiante pode trazer frescor ao espírito de muitos.

Surazo

Benedito Costa Neto

“(...) e a ironia desaparece repentinamente.”
Adam Zagajewski

O anjo pousa na janela. Desce. Como um homem feito carne. O anjo caminha calmamente até a caixa de papelão. Ao lado dela, há uma mala, com rodinhas. As roupas não interessam muito ao anjo, mas o conteúdo da caixa, sim. Viu cada um dos objetos ser colocado com calma e cuidado, como num túmulo antigo os pertences para uma vida no além. O relógio digital sobre a lareira marca 14:20:01. Está congelado. O tempo dos anjos.

Na caixa, então, dez objetos acomodados, envoltos em plástico bolha.

Um álbum antigo, provavelmente da década de 1930 ou 1940, com capa decorada em madrepérola e metal, faltando partes. Quanto ao conteúdo, algumas fotos foram retiradas, como é o destino da maioria dos álbuns. Fotos são surrupiadas. O desfalque despedaça o álbum, torna-o manco, mas ali está a história de uma família que apreciava o exótico das distâncias. Há uma história da moda e dos costumes nesse álbum, provavelmente interrompido pela Grande Guerra. Há calças de cintura alta em homens sorridentes sob o sol de Hong Kong. Há noivas com vestidos lânguidos e caldas rendadas a invadir o cenário de uma casa de fotografia, uma casa escura. Há vasos de flores meio borradas. Há crianças com caras assustadas e grandes grupos familiares, os homens com correntes nos coletes e as mulheres com grandes flores no ombro. Há colares de pérolas e há cães e fachadas de casas e carros e essa vaga ideia do eterno, que a fotografia consegue dar ao efêmero.

Há um objeto que poderíamos dizer “de movimento perpétuo”: a força de uma bolinha interfere no repouso das demais e a energia dessa bolinha, uma vez solta no ar (o primeiro movimento), faz movimentar a última, porque a energia da primeira passa para a última, que pula no ar, volta, bate na primeira do lado oposto, fazendo com que o objeto não pare. Fica assim, até que alguém vá lá e decida se quer ou não que ele pare. Que interfira na sua existência perpétua de aula de Física. Não combinava com a casa. Ficou guardado anos, esperando em repouso – quase uma ironia com sua função – alguém. Iam dá-lo de presente. Ninguém nunca apareceu. O objeto foi comprado numa dessas idas ao shopping, vazia, para “passar o tempo”. Talvez o objeto fosse mais simbólico para o casal do que simplesmente um adorno, ou uma lembrança das aulas do ensino médio. Foi embalado, como os demais.

Uma caixa de costura, com carretéis de madeira com linha branca amarelada, que pertenceu à mãe de um dos amantes, que enlouqueceu após passar anos pregando *soutache* →

dourado por cima das costuras internas de forros de casacos de pele. Na parte interna, ainda há pequeníssimas agulhas fincadas na tampa da caixa, encapada por fora e por dentro com um tecido estampado com *sakurás*, não incomum nos anos 1960, quando a peleteria dava bons rendimentos a uma proprietária ucraniana perto da Boca Maldita. Do que vivem as relações?, se pergunta o anjo: de passado e de futuro. Talvez de loucura, pregada como se pregam botões.

Uma fotografia tirada numa praia, em moldura de prata, com anotações no verso: “*Surazo*: quando vc não está, a música morre”, que dispensa explicações. Alguém teria achado romântico, bonito ou simplesmente simpático esse nome de vento. O vento talvez seja, da natureza, o elemento mais poético. O casal, ao que parece, gostava de viajar, e o que é a viagem senão uma busca pelo desconhecido, como se o desconhecido de casa já não fosse suficiente? Conclui o anjo que esse vento tenha sido mais simbólico para a relação do que os amantes imaginam.

Um Buda Sukhothai, trazido de uma viagem à Tailândia. Esse Buda é puro e contido, com apenas uma faixa de veste drapeada, muito leve, que percorre o peito e cobre um dos ombros. Por isso, chamou a atenção de um dos amantes. Há mais nesse Buda que uma lembrança de viagem. Não à toa está colocado com cuidado ao lado da maquininha de movimento perpétuo. Ambos questionam a eternidade. Não é pouco numa relação.

Um São Sebastião trazido de uma viagem ao Nordeste, rústico, provavelmente uma antiguidade falsa. É um Sebastião incomum. Talvez seja outro santo em cujo corpo foram feitos furos para aparentar ferimentos de flechas. Em vez de amarrado a um tronco, há um mandacaru. Ou, há uma variação da história do santo no Nordeste. Ou, houve variação. Mas o que é a verdade? Esse Sebastião faz essa pergunta silenciosa. Quem sabe, os amantes a tenham respondido.

Um guia da cidade de Lisboa, antigo, que os divertiu imensamente nas comparações entre o passado e o presente, numa viagem, pensa o anjo, cheia de esperança e medo, porque as viagens de todos os amantes são assim, cheias de esperança e medo. Os amantes teriam percorrido Lisboa, comparando o antes e o depois. Chegaram à conclusão de que quase nada mudou, exceto a força do euro. Isso é concreto, o poder de uma moeda. O restante é como o Tejo, vasto e mudo.

Uma coleira de cachorro. A coleira diz eternamente: “está morto”. É uma coleira de couro, ainda mole, que carrega o contorno do corpo do bicho. Alguns furos estão esgarçados. O animal deve ter crescido e usado essa coleira ao longo da vida. O cão é uma vida dentro da outra. Esses amantes são uma vida, dentre centenas de milhares, dentro da vida do anjo. O cão é um fragmento de vida. Ou o que dá a vaga noção da vida na qual creem os amantes. Nas mitologias, o cão é a fidelidade.

Um colar feminino, que provavelmente pertenceu à avó de um dos amantes. De contas de vidro. Marcadas. O vidro se permite ferir. É superior ao diamante por isso. Permite que se conte sua história. O fecho está quebrado. Há muitos anos ninguém o usa.

Uma pequena caixa, com alianças dentro.

E as coisas vão rareando mesmo, como se faltasse ar. As explicações também.

O anjo retira a mão da caixa. Fosse humano, dir-se-ia enfadado. Decide voltar à sua forma, pensando no próximo que visitará.

... e lá vai o anjo, batendo as asas como a sinfonia silenciosa de uma coruja. São 14:20:01. Vai pensando na linguagem esópica dos humanos, um pouco enojado com as ideias mundanas de eternidade, fidelidade, essas coisas todas. ●



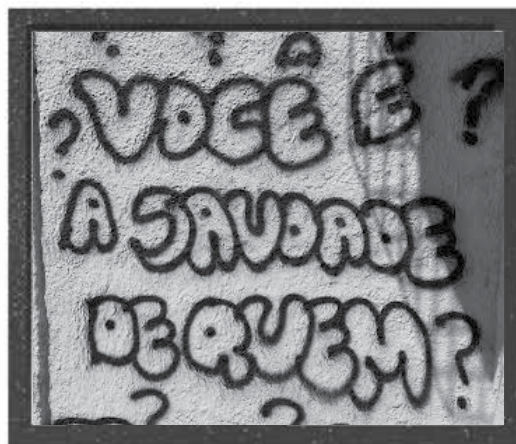
dezembro

Julia Raiz

os olhos desfilavam por uma pilha de miudezas, velhas conhecidas: carrinho com cara de gente, pulseiras coloridas que brilham no escuro, óculos de nariz e bigode, três estampas diferentes para o mesmo guarda-chuva, uma árvore de natal adiantada, bolas de gude, de vôlei, de futebol, de tênis, de bilhar, de golfe, de goma, de sabão, bolas nas costas que não podemos evitar...a morte de preto cara branca foice na mão. iam saindo os olhos acompanhados pelo corpo quando se detiveram na imagem de Jesus, Cristo, de Nazaré, pendurado numa grande cruz de madeira, a boca aberta para entrar mosquito, os espinhos pingando sangue o sangue se confundindo com o cabelo preto e os espinhos pingando sangue no corpo inteiro escorrendo sangue. essa era a imagem do centro, é bom dizer. do lado direito um perfil em close, os olhos fechados em oração quase fizeram com que os olhos se fechassem também. do esquerdo um torso raquítico em exposição o manto longo alongando a figura alongada, como um chiclete esticado, maior do que a cruz, maior do que toda a loja do que o mundo. abaixo da tríade soldados do mal estalando chicotes, um grito de malvadeza se ouvia nos céus contra o menino nascido sob o signo da estrela, junto das vacas, dos jumentos, dos cabritos como nos presépios bonitos esperando no estoque a estreia. o pai, o filho e o espírito santo sangrando num mesmo painel furta-cor: se a cabeça ajudasse os olhos irem um pouco mais à direita poderiam ver que os olhos messiânicos se abriam, se a cabeça ajudasse os olhos a voltarem para o centro poderiam ver que os olhos sagrados fechavam-se novamente. efeitos avançadíssimos de computador. embaixo em dramática fonte *show card gothic* as três palavras que fizeram os olhos se calarem FOI. POR. VOCÊ... •



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881



LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto



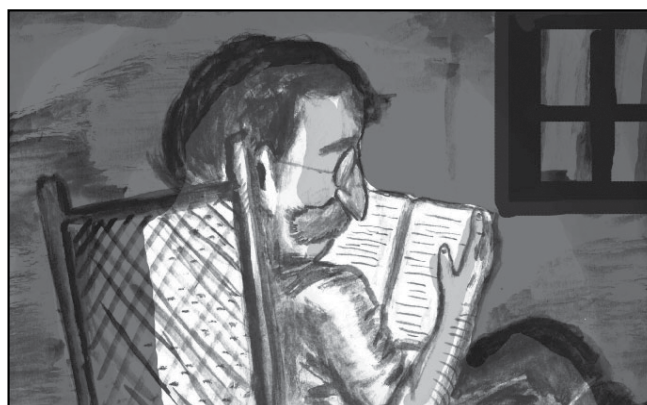
AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Editora
Penalux
Porque livros iluminam

Conheça nosso trabalho, acessando
www.editorapenalux.com.br e
facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

ESCOLA DE ESCRITA



Aperfeiçoamento textual
Aperfeiçoamento linguístico
Redação criativa
Oficina de criação poética
Oficina de crônicas
Edição e revisão de texto

ESCOLADEESCRITA.COM.BR

0413114-7100

CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR

Fábio Tokumoto/Carol Zancalatto



Alan Amorim

AL. PRESIDENTE TAUNAY, 301, FUNDOS DA CASA DE PEDRA, BATEL
CURITIBA-PR (41) 3039-6895



CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3308-3083



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR



Luiz Otávio Prendin Costa



Emily
Dickinson

761

Trad. Danilo
Augusto

*From Blank to Blank—
A Threadless Way
I pushed Mechanic feet—
To stop—or perish—or advance—
Alike indifferent—*

*If end I gained
It ends beyond
Indefinite disclosed—
I shut my eyes—and groped as well
'Twas lighter—to be Blind—*

De Vazio a Vazio—
Um Caminho Desmarcado
Empurrei Pés Mecânicos—
A parar – ou perecer – ou avançar—
Igualmente indiferente—

Se o fim conquistei
Ele finda além
Do indefinido desvelado—
Fechei os olhos – e tateei novamente
Era mais claro – ser Cego

ARABESCO.

Gustavo Jugend

Não ventava. Nunca ventava. Apenas a inabalável imensidão estática. Os grãos de areia comprimidos pela apatia do tempo preservavam o horizonte num contínuo desbotamento. O calor colidia contra o chão revelando um sol de eterno meio-dia que esmoreceria um pouco, talvez, com uma brisa.

Mas não haveria de ventar.

Como que por vontade própria, um pequeno ponto no branco erodiu. Sem aviso nenhum cavou a si mesmo. Fundo. Profundo. Cavou, cavou e parou.

Silêncio.

A imensidão era ainda... Mas já não era estática; expectativa abafada, branca e pétrea.

O ponto escavado rompeu e irrompeu. Engoliu areia – já ponto não era. Era traço. Um traço movendo-se vagarosamente em curva. Se arrastando preguiçosamente sob o sol, o traço deu uma volta no ponto original descrevendo uma curva que abre em torno de si mesma e parou.

Silêncio. Petrificado.

Uma pequena erosão e o traço voltou a verter areia para dentro. Fundo. Profundo. O desenho cíclico respeitava o ponto concêntrico como que um padrão resoluto e indissolúvel; infinito e teimoso. O traço não haveria de parar de descrever sua curva – escultura na areia em eterna feitura que o menor vento poderia destruir.

Mas não haveria de ventar. •

Sarcófago

Tereza
Du'Zai

Os santos são feitos de orgias silenciosas,
de orgasmos solitários,
de cumplicidades obscuras,
de corpos adulterados,
de holocaustos subjetivos.
Levantam-se os santos de cemitérios clandestinos,
de baús sacros,
de bordéis abençoados e acasos supersticiosos.
Incoerências, pretensões, obsessões.
Entre o luxo e a profecia,
a carne e a matéria fria,
morre o santo para si,
vive o santo para a igreja.



Fagulhas poéticas

Jediel Gonçalves

a mão suspensa no ar escreve
solitariamente.
a cabeça encostada usa
o corpo fumegante tornado letra-viva.

a mão escrevendo
escorregando
presa já ao corpo esfalfado
abocanha sinais flamejantes
faíscas relâmpagos mordentes
apanha flamingos vagalumes ostras
nos alçapões secretos das luzes.

a mão escrevendo
supõe o possível, compõe o inusitado
abduz os meios, aliciando os caminhos
tragando os meninos
trazendo-os para perto de si,
dentro do inacreditável
do imersível
do irrefutável.

a mão suspensa no ar
troca as metáforas voluptuosas
por mensagens
sinais
ecos
fagulhas
– em outras dimensões –
frenética e incansavelmente inalcançáveis
transcrevendo
dentro dum círculo mágico
o imaginário reluzente
correntes cadeias de bocarras abertas
abarrotando ao pé do imaginário aceso
os astros
com antenas atentas
antes nunca captadas.

só há sinais para captar
se os ritmos forem absurdos
se os olhos amadurecerem do vazio
se a imensidão do mundo possível for.

DEMOCRACIA, LITERATURA E LIBERDADE

GUSTAVO DALAQUA



Se olharmos para o dicionário, veremos que a definição de liberdade é essencialmente negativa: ser livre é *não* estar preso, *não* viver em cativeiro, *não* estar sujeito à coação etc. Grosso modo, esse seria o sentido negativo de liberdade que Isaiah Berlin defendeu em seu célebre ensaio “Os dois conceitos de liberdade”. Contudo, para além de não se estar preso ou amarrado, a liberdade possui uma acepção positiva, que denota a presença e não a ausência de algo. Segundo Berlin, o conceito positivo de liberdade pode remeter tanto à participação política quanto à “autorrealização [*self-realisation*]” (BERLIN, 2000, p. 212). Nessa perspectiva, somos livres quando todos participamos da política, ou ainda, quando realizamos e desenvolvemos uma individualidade que nos é própria, um eu (*self*) com desejos e impulsos genuínos.

Na filosofia de John Stuart Mill, o conceito positivo de liberdade avulta sobremaneira. Para Mill, a democracia é o regime mais condizente com a liberdade porque permite que todos desenvolvam suas potencialidades individuais por meio da participação política. Por meio do debate democrático, os mais variados pontos de vista sobre um tema se exprimem e se confrontam.

Em verdade, o modo como as pessoas de nosso círculo social pensam molda, em grande parte, nossa visão de mundo. Mill estava ciente de que a posição sociocultural de um indivíduo imbui-lhe de preconceitos difíceis de serem abandonados, preconceitos estes que diminuem

sua liberdade porque limitam sua capacidade de imaginar e acessar uma realidade outra. Ao permitir o embate com perspectivas plurais, a deliberação democrática alargaria a compreensão que o indivíduo tem acerca de um determinado tema. Não mais veríamos as coisas apenas como membros de uma classe social, raça e gênero específicos. No debate democrático, seríamos instados a ver as coisas para além destas parcialidades. Em última instância, ao me obrigar a compreender a realidade tal qual o outro, a deliberação democrática me conduziria à autotransformação. Idealmente, eu me transformaria no outro. Poder acessar múltiplas perspectivas e romper as barreiras de um eu estático e previsível – eis a liberdade.

Ora, a mesma experiência da liberdade observa-se na literatura. Como Susan Sontag bem o dizia, escrever e ler literatura implica habitar “outros eus [*other selves*]” (SONTAG, 2009, p. 266). A literatura nos dá a chance de perceber o mundo com outros olhos, de transformar-nos em outrem. Afrouxando as amarras que nosso tempo nos impõe, a literatura nos incita a pensar livremente e a cultivar um eu vário. Quando leio, abro-me à aventura de não mais pensar como homem branco de classe média, imbuído de preconceitos e modos de pensar típicos do meu lugar no mundo. Quando leio, frequentemente sinto-me deslocado para uma situação nova, que me tira dos eixos e me modifica. Literatura e democracia constituem, assim, dois lados da mesma experiência de liberdade: a liberdade de ser muitos. ●

Referências

- BERLIN, Isaiah. “Two Concepts of Liberty”. In: *The Proper Study of Mankind*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2000.
 SONTAG, Susan. “Writing as Reading”. In: *Where the Stress Falls*. Londres: Penguin Classics, 2009.



Tutorial para ganhar um concurso literário

*O Brasil é uma terra cada vez mais fértil em concursos literários. De um extremo ao outro, inúmeros festivais possibilitam ao escritor contemporâneo a chance de se decepcionar e criticar os critérios dos jurados. Por isso, o **RelevO**, em parceria com a Escola de escrita, apresenta uma pequena série de dicas para o autor pensar um pouco mais em suas ações e aumentar as chances de êxito e glória.*

1. Atenção ao tema e ao gênero.

[Porque a vida do jurado também é vida.]

Primeiramente, previamente, primitivamente, preliminarmente, no início, no começo, a princípio, inicialmente, anteriormente, à frente, antes de tudo, o autor contemporâneo pode muito bem tomar o cuidado de inscrever seus materiais nos concursos adequados. Não deixa de ser desestimulante o jurado ter que eliminar uma cópia descarada de Dom Quixote, só que ambientada em Três de Março, em um concurso de haikais que homenageia Nempuku Sato. Também não custa nada o autor engajado nisso de ser concursário literário tomar o devido cuidado de não confundir prosa com poesia, José de Alencar com José Alencar, Paulo Coelho com Teixeira Coelho. Ou Marcelo Coelho. Quiçá, escrever um conto sobre coelhinhos da Playboy para o concurso de trovas de Ribeirão Claro, terra do voo livre – ou escrever sonetos para um concursos de sonetos. Ou pensar que pode existir um concurso de sonetos. Não acredite em sonetos.

2. Não tenha problemas ortográficos não intencionais.

[Não confunda liberdade com libertinagem.]

Em tempos de presencialidade líquida, sólida e gasosa, sobretudo nas cidades com muitas indústrias e diversos prêmios de sustentabilidade, o erro sem estilo não é sinal de fineza. Nem de sustentabilidade. Você até pode se arriscar a um “estou q nem um pexe fora da agua se debatenos de um lado pro outro pq eu nao sei mas o que fazer com tantos sentimento”. Pode mesmo. Contudo, escrever días ao invés de dias ou optar por estúpida quando deveria ser estúpida pode confundir demais os jurados e colocar você na condição incômoda de analfabeto secundário das mesinhas de análise.

3. Procure concursos que se adequam ao seu perfil.

[Dai a César o que é de César.]

Se você escreve preferencialmente sobre lobisomens que atacam adolescentes em celeiros interioranos, mais especificamente em Cape Charles, Virginia, não nos parece muito coerente inscrever seu texto num concurso sobre o centenário de Manuel Bandeira. Houve certa vez um concurso em que um homem escreveu sobre a Lua quando se exigia o uso da palavra geladeira. Não houve geladeira. Só a Lua, o que não necessariamente é um demérito, vide Exaltasamba, em “Tá vendo aquela Lua que brilha lá no céu?”. De todo modo, não seja essa pessoa.

4. Evite relações de cunho físico com os jurados e/ou juradas.

[Privacidade é mais, diria um pichador anônimo.]

O meio literário é pouco afeito à discrição. Qualquer coisa é “Nossa!”, “Não acredito...” e “Eu já sabia que ele/a não valia um centavo”. Excetuando a parte em que geralmente é tudo verdade, vale a pena evitar o caô. E certamente ninguém quer saber de seu vocabulário à Olavo Bilac para momentos íntimos. “É muito formosa, Anastásia Steele. Morro por estar dentro de ti.” = NÃO.

5. Persista.

[Crítica negativa é elixir.]

Não desanime, mesmo quando o seu melhor amigo disser que a última vez que leu algo que você escreveu teve vergonha de reconhecer que é seu amigo e evitou-o por duas semanas, até você descobrir o motivo do afastamento num dia de bebedeira, em que ele também confessou ter ficado com a sua ex-namorada enquanto vocês namoravam. Escreva um conto vingativo e faça ele chegar ao maior número de leitores pela força e poder de sua mágoa.

6. Use a imaginação.

[Não acredite em pesquisas e banque sua loucura como verossimilhança.]

Ignore os números. Não respeite as convenções. O concurso de resenhas sobre a importância da agricultura familiar de Itapipoca pode muito bem aceitar um fluxo de consciência hard com um remix de clássicos gregos em edição adaptada para grilos falantes do Aconcágua. Não se acanhe quando o concurso for sobre a poluição do Rio Iguaçu e o seu coração disser que dinossauros podem ornar com crocodilos, até porque as figurinhas que vinham antigamente nos chocolates diziam que os crocodilos eram parentes remotos de alguns animais paleozoicos.

7. Não acredite em elogios.

[Assim como descrever em narradores em primeira pessoa é sempre uma boa.]

“Meus poemas são bons, não são?”, “Meus contos são ótimos. Por que não ganhei?”. “Todos que me leem, amam”. O importante é que você goste de seus textos. Goste muito. Se apaixone por eles. Mas não perca a noção. Quando Bukowski disse em seus pesadelos que para ser escritor é preciso ter o que dizer, retrucar “Com quem você pensa que está falando?” pode soar um tanto arrogante. Não desista, jamais. Ou desista e volte a escrever uns dois anos depois, assim que atingir a maioria emocional e o distanciamento necessário.

8. Não se leve muito a sério.

[A natureza é tragicômica.]

Disseram que você voltou americanizado? Que a sua literatura é pedante, uma soma do pior do Enrique Vila-Matas e do Tom Zé? Que você, escritor de poesia, deveria se arriscar na prosa e deixar de participar de concursos de aforismos? Criticaram seu livro no periódico de literatura que ninguém lê? Altivez, meu caro, altivez. Vá ao bar mais próximo, peça uma boa dose de conhaque de cinco reais e faça um brinde ao poder da literatura como plataforma rápida rumo ao anonimato.

9. Não se inscreva pensando em ganhar concursos literários.

[Desapega, desapega.]

Renuncie aos valores financeiros, ainda mais quando eles tiverem mais de dois zeros após o numeral. Dinheiro gera iniquidades, que produz arbitrariedades, causa empatabilidade e, por fim, deixa-nos pobres e à míngua de meros trocados no calçadão do Passeio Público. A LITERATURA deve ser desprovida de glamour. O melhor caminho é morrer jovem de tuberculose, contrair dívidas com pequenas editoras e produzir miçangas para comercialização em feriados de meio de semana. Como dizia Daltinho, o que importa é o texto. Não temos comida? Acabou o gás? A vida anda pior do que um universo distópico de George Orwell? O samba acontece na sua cara? Ainda assim, o que importa é o texto. Dos outros. Ler é top.

INTERLÚDIO

Mauri König

Neste vasto ermo em que não te encontro
Tornei-me ergástulo do que imaginava ser
Busquei-te em vão na vastidão dos escombros
Lancei-me em precipícios sem perceber

O vazio fustiga a metafísica, o ser obsoleto
A ausência completa agora a parca existência
Não basta apenas existir para ser completo
A letra que falta acoima a vida em reticências

No açoite dos teus lábios resulto fenecer
Quem, a ti, do pouco se fez muito, sonhou
A ti, o muito pareceu pouco, por desmerecer

Dessa longa busca, quase nada restou
Ao buscar-te, fui maior do que podia ser
Para encontrar-me pequeno no que sou

Série “Sanga”

Pedro Carrano

IV.

em quartos estranhos
redescubro um escudo em meu próprio corpo
o silêncio que circundava minhas feras
o fogo que se esconde no meu sonho

XV.

noite na praça
lonjura no horizonte
o peixe beija uma estrela

XVI.

cidadezinha qualquer

um caminho sem ligação entre dois pontos
uma cidade feita sem pensar em nada
uma ponte mal acabada
o boteco onde a galinha está dura e fria,
alguém pergunta que horas,

assim também se passa o dia.

XXVI.

casas têm que ser destruídas
para a terra seguir em frente
casas têm que se esvaziar
o coração em busca
simplesmente do vazio
casas têm que seguir adiante
no molde imperfeito de tudo o que move
casas têm que ir embora e deixar de lado o pó
as moedas antigas
levar também o melhor de nós
casas têm que ser destruídas
simplesmente.

casas, aqui e sempre,
transformam-se em ruínas.

XXXIII.

Oswald

o índio banhava os pés na fonte
debaixo de um sol de muita luz
e da farda pesada dos policiais
mas o Sol devorava os olhos de todos
que contemplavam,
esperando a notícia dos jornais

XXXIV.

madrugada
de calor, caligem
sobre espinhos de concreto
tudo parece atordoadado, encoberto
meus olhos tentados a toda ordem de comparação

a ver nas névoas e nos fantasmas das luzes noturnas
a tua sombra, a tua.

A Hora da Sesta

André Volpato

*Texto vencedor do 1º Concurso Passaporte Esc.,
promovido pela Escola de Escrita.*

Na casa desses aí era sempre a mesma coisa. O Seu Antônio pegava o júnior escondido no paiol e dava pra escutar lá do vizinho da outra esquina, *Mais tu tá cumendu vridu, meu fiiu!*, e o Antoninho tornava, *Nãum, pai, eu tô chupando é preda d'água*. Ai que tédio que a Dona Gema tinha dessa história. Vinha eleção reclamar, vinha elezinho choramingar, mas ela, *Pff*, estoica de dar orgulho no Zenão. Um dia, sentada na varanda depois do almoço, ela viu o tal vizinho da outra esquina com umas olheiras ássim! de grandes. Só aí se deu conta de que tinha gente perdendo a sesta por causa da gritaria. Com a hora da sesta alheia não se brinca: Dona Gema decidiu dar jeito na situação.

Olha que essa tal de Gema era uma dona cheia de artimanhas (desatolou a Mimosa só com uma vara e um apito no ano passado, fez a cabeça dos missionários ateus de dois anos atrás e, tem coisa de três anos, solucionou o caso do homem do saco), mas, mesmo pra ela, superar a teimosia do marido e do filho ia ser prova herculana. Bater de frente, sabia que não tinha como, então botou a cachola pra cozinhar e vesgueou até encontrar a resposta bem em baixo do nariz: se não tiver mais gelo pra chupar, também não tem mais briga. E lá foi a Dona Gema tentar se livrar da geladeira.

Primeiro tentou tirar ela da tomada (*Vai que as besta num percébi...*), mas não deu dez minutos pro Seu Antônio largar na orelha do júnior um berro de espantar urubu. Depois provou tombar a bicha com uma alavanca, mas era pesada que só ela, →



ficava dançando de lá pra cá e nada de cair. Aí a Dona Gema partiu pra ignorância, quis serrar fora a porta do segundo andar da geladeira, só que o Antoninho pegou ela no ato e não teve como seguir adiante. Ai que a Dona Gema já não tinha mais ideia. Olhando a adversária de revesgueio, ela teve certeza que os ímãs se mexeram pra dizer, *Cumigu ninguém pode*.

Nessa noite a Dona Gema mal dormiu, ficou escutando uns barulhos na cozinha, parecia que a geladeira tava gargalhando o triunfo. Levantou mais tarde no outro dia com um grito do Seu Antônio, *Muié!, a geladera criô perna*. A Dona Gema foi que foi correndo até enxergar o marido sambando bem no lugar onde ficava a maldita, e nada dela ali. Só teve tempo de chegar na varanda antes de começar a agradecer o destino, sem nem se perguntar quem é que tinha podido com a geladeira. E bem nessa hora vinha passando o vizinho da outra esquina, *Diia, Dona Gema, foi embora o fazedô de gelo?* •

PARA NÃO MORRER DE AMOR

ADRIANA ALEIXO

Decantar o verso

Sorver da folha seca
: a seiva

Haurir o orvalho
da pedra

chegar
antes

e dissecar
sapos idealizados.

Toda maldita santa escrita

Andrei Ribas de Jesus

Existe um aviso na contracapa da primeira obra de Paulino Junior, *Todo maldito santo dia*. Ele diz “Para não ser lido depois de um dia de labuta”. Tal recomendação não é à toa. As temáticas dos vinte contos que compõem o livro transitam entre o mundo do trabalho, incluindo todas as consequências de um tempo em que o ser humano se tornou mercadoria e precisa vender e ser vendável, e as relações afetivas, que também não deixam de apresentar reflexos em virtude de tudo ter tomado ares negociais. Ao utilizar muita ironia, o autor revela que existe (mesmo resistente) vida além do capital – várias vezes, porém, mesclada a ele a ponto de quase serem dissociáveis.

As histórias iniciam versando sobre o competitivo mundo corporativo, onde os profissionais são considerados “mercadoria”, como diz o próprio título. O interessante é que o personagem narrador se trata como tal, assumindo a condição que lhe é imposta pelo mundo dos negócios. É o mesmo que ocorre em “Maquinomem Feliz”, em que a produtividade deve ser privilegiada (e recompensada) a todo custo, mesmo que o sangue escorrendo do dedo se misture com o lanche produzido.

“Rock Pesado”, por sua vez, destoa um pouco da forte temática trabalhista do livro, sendo o labor apenas um coadjuvante na trama. Trata de festas vintenárias com muito rock & roll, cabelo comprido, camisas pretas de banda metaleira, transmitindo a constatação que muitos sentem ao sair de sua pequena cidade natal: a relativa decepção de voltar em outras oportunidades e perceber que tudo está como antes. Um homem maduro, jornalista bem sucedido, após encontrar uma foto tirada vinte cinco anos atrás, que o retrata quando fazia parte de uma banda de rock local, resolve retornar por alguns dias à cidade em que nasceu. Na cidade encontra um dos amigos daqueles tempos, que ainda mantém o ideal abandonado pelo protagonista. Do narrador é deduzido que, na maioria das vezes, é preciso adaptar-se à realidade, que é de cada um, no final das contas, compondo as famosas e famigeradas decisões da vida. Existe uma espécie de melancolia no que ele experimenta, encerrando-se o conto com uma frase chavão, como se a personagem quisesse explicar o que ocorreu a si mesmo: “a gente dança conforme a música”.

Outro texto a se destacar é “Presas”, em que um rapaz encontra na rua uma ex-namorada. Como já explanou, em resenha do livro para o site Tertúlia, Haron Gamal: “A moça, vestindo jaleco branco, distribui anúncios de uma clínica odontológica. Toda opressão urbana se faz presente na narrativa: ‘o sol era mais uma merda para carregar. Outra porcaria lá em cima que a gente tem que aturar’. Ele para, não com a intenção de receber o panfleto publicitário, mas porque ouve a moça chamá-lo de soldado. No tempo em que conviveram o rapaz tinha como um dos seus objetivos seguir a carreira militar, por isso a alcunha. Sobre o

passo, em meio ao caos urbano, eles conversam e, de certa forma, falam sobre tempos passados. O rapaz sente nostalgia e tenta cativar novamente o coração da moça. Mas ela é mais forte, precisa deixá-lo de lado e continuar a distribuição dos panfletos, que lhe renderão pequena comissão caso alguém decida subir ao consultório. Os sentimentos estão soterrados, a necessidade fala mais alto, e a vida arde, como o sol do conto a provocar incêndios”.

“Coisa de criança” descreve uma brincadeira – que de fantasiosa não tem muito – em que meninos e meninas identificam marcas de empresas de alcance mundial. Conforme é dita a letra seguindo o abecedário, as crianças precisam dizer o nome da marca e tomar cuidado para não repeti-lo na próxima rodada, mostrando-se bem espertas nisso. Quando aparece outra criança com a simplicidade em suas mãos, é tratada como se fosse de outro mundo, deixando a impressão que a mídia, publicitários e empresários tiveram êxito em suas metas, além de nos fazer questionar o tipo de adultos que teremos nos anos vindouros.

Lendo “A mascote”, difícil não é associar ao conto “Último turno”, do livro *Sombras da noite* de Stephen King. Tratam-se de contos de terror, em suma, exemplificando o homem inerte frente ao bizarro e desconhecido quando procura, apenas, cumprir com sua tarefa remunerada da melhor maneira possível.

“Prisão do Aplauso” também se destaca no volume. Por ser o reconhecimento máximo do mérito e sucesso, os aplausos constantes na cabeça do executivo, que após um sonho insistem em não deixá-lo, acabam por levá-lo a uma situação completamente indesejada e contrária às suas aspirações. Neste conto, a escrita de Paulino capta a atenção do leitor, as palavras são bem dispostas e o ritmo cadenciado dos acontecimentos torna a leitura recompensadora.

Os contos de Paulino nos apontam a morte violenta, a loucura e o suicídio como sintomas de uma sociedade que, quanto mais tenta manipular o homem e transformar tudo e todos em lucro, mais se autoextermina. Como conclusão, vê-se que o papel do escritor num mundo desse tipo é não só sobreviver – pois parece que a ele é mais difícil adaptar-se –, mas também lembrar a nós todos que a literatura pode ser um caminho buscando a humanidade perdida. O que não vem sem suor. Como já disse o autor em declaração ao 2 Mil Toques, Émile Zola tinha grafado em sua lareira a expressão latina *Nulla dies sine linea* (“Nenhum dia sem linha”), assim Paulino tatuou, por falta de lareira, a sentença no antebraço direito, servindo a expressão de memento para não confundir desejo com realidade. “O modo mais direto de evitar a ilusão é a ação”, enfatizou. Assim, ao produzir seus textos – “Todo maldito santo dia” foi uma coleta seletiva de vinte contos entre cinquenta e seis – impregna sua obra do trabalho em que ele mesmo é peça e criador. É, de fato, um senhor labutador da escrita. ●



Alvaro Borba

da física e da sociedade
tempo é ordem
espaço é liberdade

x

só não sabe quem me sonda
sou a partícula
e a onda

x

esforço
pra ser só o que há
entre um átomo e outro

x

mente sólida
mantém matéria
sempre etérea

x

faz como a galáxia
presta reverência ao teu centro
a verdade está aí dentro

LIMOEIRO

MunIQUE Duarte

Com a lua descendo aos poucos no céu, era difícil se concentrar em outra coisa. Estava dividida, bem ao meio, com um lado tão branco como as nuvens, sobre um fundo azul celeste. A lua podia ser vista durante o dia, intocável. Milhares de coisas ainda por fazer. O trabalho e as opiniões que devem ser formadas todos os dias para parecermos mais lúcidos. Olhar a lua não é pecado. Continuemos a observação. Até alguém bater na porta e entrar resmungando que a vida é um limoeiro bem criado. Quem pensa que a vida é azeda, como limão pequeno caído fora de época, deve pensar que a solução é cortar o limoeiro fora. Por que não?

Peguei o machado meio enferrujado no quartinho dos fundos de casa. Passei um pano velho na lâmina para melhor apresentação e funcionamento. O pé de limão ainda estava pequeno, mirrado, com tronco fino atrofiado. Seria fácil destruí-lo com uma cortada certa. Talvez a faca de cozinha servisse. Mas queria algo mais emblemático para cortar o azedo da vida. Senti o peso da ferramenta e ensaiei alguns golpes no ar para não perder tempo na hora do corte. Teria que ser uma cena magistral, muito bem feita, icônica, para registrar em minha mente que o azedume de meus dias fora cortado de uma vez por todas. Com um só golpe. Para comprovar que sou boa de ideias e de pontaria. Aquilo de cortar o limoeiro moribundo no quintal me dera um ânimo incrível. Sair ao sol, tomar um ventinho fresco de fim de tarde, inventar uma tarefa tão fugidia do cotidiano. Em minutos, creio que estava até mais corada. Mas era hora de acertar a árvore pequena. Desfazer-me do azedume da vida. Do azedume dos limões que não vingam. Pois até os que vingam ainda persistem no gosto ácido.

Levantei o machado, não muito, colocando-me numa posição curvada. O pé deveria ter somente meio metro. Pensava nos motivos de ter plantado um limoeiro, sendo que nunca gostei de limões, nem de limonada. Acho que plantei em um dia que observava a lua, ainda no clarão do dia, com a cabeça ruim de ideias, matutando em fazer algo de diferente para sair ao sol e sentir o ventinho fresco do fim de tarde.

Bem à minha frente um pé de maracujá me observava. À direita, uma roseira de flores púrpuras dançava no vento fresco de primavera de dia quente. O sol diminuía o fogo de sua lamparina, e me peguei pensando se limões e maracujás faziam amizades. Eram da mesma família do azedume. Talvez fossem primos! E eu com um machado na mão prestes a matar um membro da família. O pé de maracujá estava forte. Nem balançava com o vento. A roseira se tremia toda. Não era parente do limoeiro, mas deveriam ter trocado olhares algum dia. Um flerte rápido, até o limoeiro murchar e perder sua beleza. Pensei ainda o contrário. O limoeiro flertou com a roseira e fora desprezado. O que rosas fariam com limões? E a partir desse dia, ele perdeu o viço.

Meus cabelos já estavam despenteados com o vento e o machado meio enferrujado ainda não tinha feito sua obra-prima, a de cortar o azedume da minha vida em um golpe fatal. Percebi o meu tamanho e o tamanho do limoeiro. Tão pequeno. De longe, notei a desaprovação da velha laranjeira cheia de abelhas. Debaixo dos meus pés, a terra estava seca e grudava sua poeira fina em meus sapatos negros. Todas as plantas deveriam estar com sede. Todas morriam de sede aos poucos, enquanto eu admirava a lua intocada no céu. Voltei para o quartinho e guardei a ferramenta. Joguei água de mangueira em todas aquelas árvores, novas ou velhas, em todos os vasos de flor, em todas as avencas que nascem nas fendas de qualquer quintal. Dei água para tudo que tivesse vida, formigas e joaninhas. Não sei se o limoeiro terá forças para beber algo. Talvez o primo maracujá o ajude de alguma forma. Larguei tudo e corri para dentro de casa. A lua agora não estava mais no enquadramento da minha janela. O quintal estava sob uma luz fraca de sol que esmaece, deixando rastros. Penso em não voltar mais lá nos próximos dias. Talvez eu chore ao ver o limoeiro sem vida. ●

Ricardo Pozzo

Falsa Varsóvia

*ramo que falta no bico
da pomba que não regressa*
Fábio Weintraub

Sorve a turba
o compulsivo maná
do *sheol* adicto.

Herdeiros
de um deserto
sinuoso
no gueto
do esgoto
ao qual escoam
a hipocrisia
e a solidão da
solidariedade
interesseira.

Antes bons pais,
bons funcionários,
boas filhas,

hoje acorados
nas manilhas,
sob o tronco
dos Chorões,
festejam
um ritual lascivo

a micro sinagoga
de alumínio,
a *menorá*
de isqueiros.

Irmãos da noia
desorientados
pelo Inimigo,
creem estar
a Terra Prometida
além dos portões
de uma psíquica
Treblinka.



Sem sal

Celso Alves

Desde a morte da mãe há um mês, era a primeira vez que as meninas conversavam durante o jantar. Numa ponta da mesa estava o pai, calado como sempre, enquanto a outra continuava vazia. As meninas ficavam nas laterais da mesa comprida e a toalha xadrez por cima, com panelas, pratos e o potinho de sal, feito de porcelana. Suzanne, a mais velha, apenas ouvia o que as mais novas falavam, entusiasmadas pela festa que se aproximava. Mal percebeu quando falaram com ela.

“E você, Anne, não vai?”

“Não, mamãe não aprovaria...”

O silêncio voltou à mesa, cortado pelo mastigar ritmado do pai. A mãe não aprovaria mesmo, fazer o quê? Suzanne era responsável pela casa, não por se divertir. Para as mais novas, as bonitas, a vida era de vestidos coloridos e laços nos cabelos, repleta de pretendentes e namoricos. Minhas filhas vão se casar bem!, dizia a mãe, até a Suzanne, tadinha, acaba encontrando alguém no casamento das irmãs.

Enquanto esse dia não chegava, Suzanne cuidava da casa. Fazia café da manhã, almoço e jantar; lavava e passava as roupas da família; ajudava as irmãs a se arrumar e a se maquiar; varria o chão e passava pano para quando os namorados passassem ali. No tempo livre, usava uma lanterninha embaixo das cobertas para ler sem atrapalhar o sono de beleza das demais.

Não reclamava. Isso era a mãe quem fazia: que são esses vincos no meu vestido?, ainda não acabou de varrer o chão?, a comida tá mais sem sal que você, Suzanne!

Para os vincos, a filha passava o vestido de novo. Varria o chão mais rápido, que era pra não atrasar a faxina. E para a comida sem sal, deixava a vasilha de porcelana sobre a mesa. Mas sempre que alguém pegava, fosse o pai ou as irmãs, sentia o olhar contaminador da mãe. Se a comida não estava boa, nada mais estava, e as reclamações cresciam até se transformarem em tapas e chineladas.

“Papai, a Anne pode ir com a gente pra festa?”

Suzanne viu o pai olhar para o outro lado da mesa, estava vazio. Sua mulher agora era pó de cinzas, nem os órgãos foram doados. Melhor assim, que ninguém carregava ela por aí.

“Se a Suzanne quiser, pode ir.”

“Tem muita coisa em casa pra fazer, talvez na próxima. E a comida, está gostosa?”

O pai acenou que sim e as irmãs concordaram.

“Não falta sal?”, disse, estendendo o potinho para quem quisesse.

“Não, Anne, está maravilhoso.”

Suzanne devolveu o pote sobre a mesa e as irmãs retomaram a conversa, mas ela não ouvia mais nada. Encarava o pote de porcelana e se lembrava do quanto a mãe exigia a perfeição. Ali, entre o sal, uma porção cinza da mãe continuaria reclamando até que Suzanne conseguisse errar o tempero e tirá-la de sua vida. ●



Fabio Ramos

PUXADORA DE PALMAS



microfone
na mão
do
guru

é
uma
palestra

que
avança
e
não
termina

espia
no relógio
as
horas

(boceja)

a
tiete
da primeira
fila

ela
toma
a iniciativa

é
palma
contra palma e
repetição

(...)

alguns
acompanham
o gesto

(outros não)

Daniel Zanella

Cenas Urbanas

Obituário das flores

Um senhor e uma senhora jogam dominó na mesa ao lado e não sei de onde me surge um incômodo, talvez até seja tristeza – acabei de perder o ônibus, coração acelerado de baque amoroso. Eles sorriem lentamente um ao outro quando alguma jogada se faz surpreendente e isso muito me interessa, assim como o conhaque de mel, meu vício da temporada – estou gripado.

Entre a leitura do caderno de cultura do jornal e um mendigo que nos pede um real pra pinga, lembro-me aos oito anos, escrevendo uma série de ficção científica chamada *Atlan, A Força Que Mata*. Fiz dez cópias, um real cada. Meu pai comprou toda a edição, distribuiu na empresa e me pagou adiantado – acho que o pessoal nem comprou. Essa é a experiência que me marca para sempre como usuário da língua portuguesa.

Estou fazendo alguns obituários por esses tempos. Hoje descobri que o Senhor Douglas, 69 anos, dava flores toda semana para sua esposa. E ela se emociona ao me contar como ele gostava de fazer arranjos para casamentos. Cada imersão nas histórias de quem acabou de morrer me deixa comovido.

Entra agora um cliente no bar, se dirige ao proprietário e diz: “Ela levou tudo, tudo embora”. Ao fundo, uma versão portuguesa de *Dust in The Wind* aparentemente executada por Zezé di Camargo & Luciano. O senhor do dominó reclama: “Para com isso, essa música é em inglês... Para com isso...”. Estou também viciado num vídeo do vine em que uma mocinha faz uma coreografia tosca com uma galinha caipira no ombro. Procura lá. Ela se chama Shan Dude e me deu uma fortuna de viver hoje.

Chego em casa antes da meia-noite, sem jantar, deixo a bolsa e vou até a casa ao lado. Consigo, enfim, parabenizar meu pai, que completa 58 anos hoje, a quem devo toda a insistência em escrever e me indicou as primeiras leituras. Ando escrevendo e pensando muito sobre a morte, pai. E escrevendo sobre ela. Nós seremos envolvidos por ela, pai, nós seremos também. Mas não hoje, hoje é o dia em que você é eterno.

Parabéns. ●

Cinerário

Ademir
Demarchi

Flor Gentil do Norte

Uma cidade se forma com um sentimento positivista de construir o melhor dos mundos, que se cristaliza em suas instituições, se espalha como crença em seus habitantes e se comunga de tal forma que é preciso uma igreja tão grandiosa que tem que ser a mais alta de todas que o mundo conhece para verdadeiramente expressar isso. Até o dia em que surge um escritor ou um artista para dizer o contrário. Maringá, tão novinha, já pode contar uma meia dúzia desses cuspidos na cruz da credulidade. Eis que o inconformismo com a vida e com o meio que o cerca, e o incômodo que isso provoca, são a tônica dos dois livros de relatos de Luigi Ricciardi, que se irmana principalmente com Nelson Alexandre ao escrever a contrapelo ao se verem refletidos nas vitrines da cidade. Nas ficções de Luigi, Maringá se desvela, no sentido mesmo de desvelar, de provocar a perda do sono e de se por a nu pela constatação dos seus sintomas de alienação. Luigi, nesse sentido, no livro *Anacronismo moderno*, é contundente: nessa cidade que se diz festiva, “nas festas não há possibilidade alguma de encontrar qualquer pessoa que seja no mínimo pensante funcional. O analfabetismo amebou esta cidade. Só se vê gente empunhando chapéus, soltando gritos e exibindo esporas”. De uma tal constatação para o fervor religioso cegante é um passo, assim como outro para todos os habitantes se transformarem distopicamente em personagens de uma nova versão da *Fazenda Animal* orwelliana cabocla, agora já uma “Animal City” com um portentoso aeroporto com ligações em Miami. Luigi, porém, se toma um avião, cada vez mais globalizado em seu segundo livro, *Notícias do submundo*, ainda

que falando desse mesmo lugar, agora já pega desvios para fora de Miami, segue o circuito “beat” pela Rota 66 e chega a mimetizar Bukowski numa constante ambientação regada a bebida, mulheres e divagações viajeiras. Essa mimetização, pela sensação de “já visto” por quem leu o velho beerrão norte-americano, é o ponto mais fraco do livro, que demonstra, em continuidade ao primeiro, a busca de um tom narrativo pessoal, com predominância do narrador na primeira pessoa. Relevada essa questão, a “cor local” se impõe, com o senso irônico aplicado tanto ao mundo que o cerca quanto ao próprio personagem que narra, que, sem autocomiseração, tasca que o nome do seu carro é um legume, numa sinonímia dele mesmo nessa cidade: “esperei o corpo se recuperar, entrei no tomate e parti buscar um cachorro quente”. Os relatos traduzem ao leitor essa cidade e seus hábitos para além das belas aparências das vitrines reluzentes com suas conexões nos Estados Unidos, e vão se compondo com recortes irônicos. Destaca-se, neles, esse personagem que vê na internet somente bobagens e coisas sexistas, que ouve uma fala contínua vinda de um lugar sabido: “Cala a boca, cérebro” e cujo maior feito é deixar de “pagar a conta de luz, a fatura do cartão do mercado, a parcela do carro, a prestação da geladeira para poder ir ver um jogo da Copa do Mundo”, par perfeito de uma antológica personagem feminina que pinta flores nas unhas, viu *Titanic* quarenta vezes, e sendo mais uma que “sonhou em cursar UEM, sem sequer terminar a oitava no Branca da Mota”, não poderia ter outro codinome que “Flor Gentil do Norte”, metáfora dessa cidade. •

Daniel Osiecki

Terra Incógnita

A trilogia de Fernando Koproski – apolíneo e dionisíaco

David Mourão-Ferreira, grande poeta português do século XX, criador da Revista Távola Redonda no final de 1949, escreveu o artigo “Lirismo ou haverá outro caminho?”, no qual levantava questões pertinentes sobre os rumos da poesia portuguesa contemporânea que, em uma espécie de retorno às origens, vivia um momento *sui generis* no contexto literário dos anos 50. Mourão-Ferreira cita Paul Valéry em seu artigo, que afirmou sobre o lirismo: “*le développement d’une exclamation*”, ou seja, assim como o lirismo é o desenvolvimento de uma exclamação, são líricas as primeiras manifestações poéticas de um povo.

Havendo ou não outro caminho senão o lirismo, Fernando Koproski é um poeta contemporâneo que o assume em seu fazer poético de forma sensata, madura, crítica e com extremo bom gosto. Koproski nasceu em Curitiba em 1973. Poeta e tradutor, formou-se em Letras pela UFPR, mesma instituição na qual defendeu sua dissertação de mestrado “Flores das flores para Hitler”, sobre a poesia de Leonard Cohen. Publicou os livros de poesia *Manual de ver nuvens* (1999); *O livro de sonhos* (1999); *Tudo que não sei sobre o amor* (2003); *Como tornar-se azul em Curitiba* (2004); *Pétalas, pálpebras e pressas* (2004); *Nunca seremos tão felizes como agora* (7Letras, 2009), primeiro volume da trilogia *Um poeta deve morrer*, composta também por *Retrato do artista quando primavera* e *Retrato do amor quando verão, outono e inverno*, ambos publicados pela 7Letras em 2014.

Nos três volumes que compõem a trilogia, nota-se frequentemente a utilização da metalinguagem como leitmotiv da poética, incluída em uma verve lírica bastante peculiar. No terceiro livro, *Retrato do amor quando verão, outono e inverno*, há uma espécie de ruptura com o lirismo do primeiro livro, com seus poemas em forma de narrativas curtas, muito próximos do conto. Na seção intitulada “Outono”, há o que parece ser um fluxo contínuo que liga um poema ao outro.

Eles tendem a um antilirismo. Nota-se, também, a não utilização de elementos mais formais da poesia, como rimas, métrica e elementos técnicos que geralmente não fariam muito sentido num livro como esse. Forma e conteúdo são temas constantes dos poemas. Novamente a metalinguagem é bastante explorada por Koproski, e os resultados são ótimos.

“Tudo menos escrever poesia
Tudo menos escrever poesia
Como essa poesia que ganha prêmios literários
E ter que diluir uma espécie de escrita
Falsa, morta, praticamente enterrada viva”. (p. 65)

O que mais chama a atenção nos livros que compõem a trilogia é a qualidade de um livro para outro, mesmo com o hiato que há entre o primeiro, *Nunca seremos tão felizes como agora*, e os dois últimos, *Retrato do artista quando primavera* e *Retrato do amor quando verão, outono e inverno*, respectivamente. Koproski é um poeta experiente, com formação acadêmica, ao mesmo tempo em que aponta e critica as mesquinharias universitárias vazias e repletas por análises frias e pseudointelectuais, como manuais com formas estanques e limitadas. Nada disso escapa do crivo de Koproski. Como no poema “Livro de poesia”, do último volume da trilogia:

“um livro de poesia não é um catálogo de lingerie, algo feito para seduzir você. um livro de poesia não é um livro de registro, um manual de todas as entradas e saídas de seus desejos mais sórdidos, mais sublimes, mais egoístas. um livro de poesia não é esse livro. um livro de poesia não é o que esse livro perde por não esperar, mas o que esse livro sonha e esquece um minuto antes de acordar.” (p. 103) •

Rodrigo Garcia Lopes

OSTRANENIE, A ROAD POEM



Pego nessa estranha lógica do mundo
Peço carona para a família de malucos
Que tem como hobbies mais esdrúxulos
Não contar as horas, só contar os cucos,
Trocar beijos como quem troca socos,
Praguejar como um bando de marujos
E tomar na cara achando que é soluço.
Perguntam a meu nariz se estamos juntos
Rasuram paisagens, comem presunto,
Depois falam falam falam como loucos
Até ficarem sem voz e sem assunto.
Desço, em algum antigo vilarejo russo.

Poema de NÔMADA, Editora Lamparina, 2004